**20ª CineOP – Mostra de Cinema de Ouro Preto**

**25 a 30 de junho de 2025**

**EM EDIÇÃO COMEMORATIVA DE 20 ANOS, MOSTRA DE CINEMA DE OURO PRETO FOI ESPAÇO DE ANÚNCIOS, DISCUSSÕES, PERSPECTIVAS E REFLEXÕES SOBRE O FUTURO DA PRESERVAÇÃO DE FILMES E ACERVOS E DAS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO EM SALA DE AULA**

Em 2006, quando a **CineOP – Mostra de Cinema de Ouro Preto** iniciou sua primeira edição, o mundo passava por situações complexas que, curiosamente, parecem bastante com as de agora, duas décadas depois. A Guerra do Iraque caminhava para o fim, com a morte de Saddam Hussein, o que acirrava divisões regionais e intensificava debates sobre intervenção militar e segurança. Na Europa, disputas energéticas com a Rússia e crises com a Ucrânia, expunham um conflito ainda em movimento. A América Latina vivia a ascensão das esquerdas, com a reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil e a nacionalização de recursos na Bolívia de Evo Morales. Na tecnologia, a revolução digital saltava com o lançamento do Twitter, a popularização do YouTube e o começo das guerras culturais virtuais que têm marcado o século 21.

Pensando na preservação audiovisual como necessidade de proteger memórias culturais nesse mundo de transformações rápidas e radicais, a CineOP se atentava a um cenário nacional no qual pensar o cinema como patrimônio parecia apenas utópico. A criação de um espaço para reflexão e diálogo sobre esse assunto, e ainda sobre como o audiovisual brasileiro poderia servir de ferramenta de ensino em salas de aula, “alinhava-se com um momento em que a memória e a história ganhavam peso como ferramentas de resistência e afirmação cultural”, disse **Raquel Hallak**, fundadora da CineOP, numa mesa dedicada ao aniversário do evento. Para ela, a escolha de Ouro Preto, cidade reconhecida como patrimônio da humanidade, reforçou o conceito de “cinema patrimônio” que até hoje rege a mostra. Em suas palavras, é fundamental acreditar “no poder que o cinema tem de nos representar, de dizer quem nós somos”.

Ao longo a 20a edição, entre 25 e 30 de junho de 2025, a CineOP reuniu pesquisadores, professores, críticos, curadores, programadores e conservadores para tanto refletir quanto batalhar por políticas públicas e reconhecimento do setor. Prestou ainda homenagem à atriz **Marisa Orth**, representante do refinado humor das mulheres no audiovisual brasileiro que foi um dos temas do evento. “Esse nosso humor nasce da mistura única com o drama”, disse ela. “Nós rimos das coisas terríveis que vivemos. Aqui é um país socialmente injusto, tem desgraça, impunidade, violência. Mas a piada surge em seis minutos após uma tragédia. Isso é o Brasil”. Orth destacou a rapidez com que o humor pode reagir a adversidades e se transformar em crítica social. “Fazer rir é uma arma”, exaltou. A atriz incentivou a nova geração de artistas a seguir seus instintos, ressaltando que “a comédia exige coragem e autenticidade”.

O recorte de preservação foi palco de diversos debates na 20a CineOP, começando pelo encontro com **Paulo Alcoforado**, diretor da Agência Nacional do Cinema (Ancine), no primeiro dia da mostra. A discussão, que reuniu dezenas de integrantes da classe, expôs a complexa relação entre as demandas do setor de preservação e as limitações institucionais da agência reguladora estatal.

**Lila Foster**, presidente da Associação Brasileira de Preservação Audiovisual (ABPA), questionou a ausência de uma plataforma de vídeo sob demanda (VOD) brasileira financiada pela Ancine e defendeu a necessidade de “imaginação política” para superar bloqueios. Alcoforado sugeriu que o setor aproveite os recursos do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) com projetos voltados para instituições de acervo, em vez de obras individuais.

Ele reiterou que a contribuição da Ancine para a preservação é limitada por sua missão institucional, uma vez que a agência foi criada para o desenvolvimento de mercado, e muitas questões de preservação transcendem essa competência. Ele enfatizou que o FSA não é gerido diretamente pela Ancine, mas sim retroalimentado pelas empresas de comunicação, e o desafio reside em encontrar um “território comum” com a preservação. Para isso, o diretor propôs que o setor participe ativamente de consultas públicas, como a agenda regulatória da Ancine, e explore o FSA com projetos que beneficiem o conjunto geral do patrimônio audiovisual, como a criação coletiva de um programa de longo prazo para o Ministério da Cultura.

**Rafael de Luna Freire**, professor da UFF e coordenador do LUPA, considerou a interpretação da agência restritiva, afirmando que a própria definição de "reembolsável" no mercado é vista como destinada apenas à "produção do mercadão". Rafael defendeu que a preservação deve ser considerada parte de um mercado sustentável, capaz de gerar retorno financeiro a longo prazo, e sugeriu que cada obra financiada com dinheiro público reserve recursos para a instituição que irá preservá-la, aliviando a decisão do poder público sobre onde investir e evitando a centralização.

Entre as participações na CineOP, esteve a deputada federal **Jandira Feghali**, numa mesa sobre preservação e educação como alma viva do cinema brasileiro. Ela destacou o caráter político do audiovisual e defendeu que “a memória não é para ser guardada, é para dar acesso para que as pessoas conheçam a sua própria história e a valorizem”. Na mesma ocasião, **Cesar Callegari**, presidente do Conselho Nacional de Educação, defendeu que “a efetiva preservação se dá no processo de circulação e de contaminação da sociedade em relação ao processo criativo”. Ambos compreendiam, em suas falas, que a preservação deve ser antes de tudo estratégica e pensada como parte de uma cadeia de produção que se inicia nos projetos, passa pelas realizações, chega nas exibições e disseminações e deve, necessariamente, chegar na preservação. Seria, com isso, a garantia de uma memória continuada e acessível, que mantém a identidade de um país via imaginário cultural.

Outro assunto de urgência e gravidade foi a crise climática e seus impactos diretos na preservação do patrimônio audiovisual. **Wellington Silva**, diretor do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, em Porto Alegre, trouxe um relato contundente da enchente no Rio Grande do Sul em 2024, evento sem precedentes que afetou mais de 90% dos municípios. Wellington contou que, no museu, o subsolo foi totalmente inundado, e acervos em papel e películas foram afetados especialmente pela dimensão da umidade, resultando em materiais inviabilizados.

Complementando o cenário preocupante, **Adalto Soares**, coordenador da UNESCO no Distrito Federal, informou que 80% das coleções audiovisuais no mundo não contam com salvaguardas adequadas a tragédias climáticas e que 60% das instituições de memória não possuem financiamento regular para manter suas coleções vivas. “E isso não é um problema só do Brasil, é um problema do mundo”, reforçou, ainda que tenha sido rebatido por profissionais presentes que alertaram para o atraso brasileiro nas políticas de gestão de risco dessas situações.

A relevância da articulação entre instituições e governos foi reafirmada com o anúncio de **Joelma Gonzaga**, secretária do Audiovisual do Ministério da Cultura (MinC), do lançamento da Rede Nacional de Arquivos Audiovisuais. A ser um instrumento estratégico para articular atores públicos e privados nesse campo, a Rede foi descrita como resposta à história de luta e resistência do setor. A secretária disse que a iniciativa “é composta por conselho consultivo, câmaras técnicas temáticas e redes regionais, organizadas com base em critérios de representatividade territorial, diversidade cultural e governança colaborativa”. Reivindicação da classe, essa rede nacional foi saudada como um passo importante na relação do poder público com os preservadores e educadores.

Numa boa notícia à formação, **Frederick Magalhães**, diretor do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), anunciou um bacharelado em Cinema e Audiovisual na instituição, informação depois reforçada pelo reitor **Luciano Campos**, em carta de compromisso assinada diante de representantes da classe de preservação. “Estamos construindo um futuro onde memória e arte se entrelaçam em narrativas visuais e sonoras”, disse Magalhães.

Entre as presenças internacionais na CineOP, o programador **Gérald Duchaussoy**, responsável pela seção Cannes Classics no Festival de Cannes e pelo Mercado Internacional de Filmes Clássicos do Festival Lumière, levantou importantes cruciais sobre restauração, curadoria e circulação comercial de obras do passado. Ele ressaltou a importância inclusive econômica, descrevendo a movimentação de mercados em torno de títulos restaurados e como existe demanda de público para consumi-los seja em salas de cinema, mídias físicas ou plataformas de streaming. “Se existem estúdios gastando tanto dinheiro para restaurar filmes, isso significa que há um público consumidor e isso precisa ser levado em conta no incentivo a esse tipo de trabalho”, disse.

No campo da preservação, a **Carta de Ouro Preto 2025** da **Associação Brasileira de Preservação Audiovisual (ABPA)** e de outros participantes do Encontro Nacional de Arquivos e Acervos Audiovisuais Brasileiros, divulgada no fim da mostra, repercutiu diversos dos pontos tratados ao longo da mostra. O texto **reconhece e saúda a CineOP como “fórum essencial para a discussão técnica, política e cultural sobre o campo da preservação audiovisual”**. A carta destaca o **amadurecimento político da área de preservação** em duas décadas, no que culminou na atualização do Plano Nacional de Preservação Audiovisual (PNPA) em 2023 e sua entrega à Secretaria do Audiovisual (SAV). No entanto, enfatiza que, apesar dos avanços, os **desafios persistem, especialmente no acesso aos recursos do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA)**, que, segundo a classe, continua centralizado e não contempla adequadamente a preservação audiovisual. O texto defende a necessidade de **“vontade e imaginação política dos gestores e das instituições financiadoras para a real estruturação de uma política de preservação no Brasil”**.

A carta também celebra o lançamento do Programa de Preservação do Audiovisual Brasileiro e a criação da Rede Nacional de Arquivos Brasileiros, mas ressalta a importância de que este projeto preveja **“mecanismos efetivos de financiamento para as instituições participantes”**, além da inclusão ativa das associações do setor na formulação das diretrizes da Rede. Outros pontos do texto incluem a urgência da **regulamentação do vídeo sob demanda (VoD)** pelo Congresso Nacional para diversificar as fontes de financiamento da preservação e um **alerta sobre os riscos de privatização por meio de Parcerias Público-Privadas (PPPs) em instituições museológicas públicas**, citando como exemplo a proposta de privatização do Museu de Imagem e Som do Paraná (MIS-PR). A carta ainda expressa **preocupação com a vulnerabilidade dos acervos audiovisuais diante da crise climática**.

Já no âmbito da educação, a **Carta de Ouro Preto 2025: Cinema, Memória e Futuro**, assinada pelos participantes do **XVII Fórum da Rede Kino – Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual**, também divulgada no último dia, expressa o entendimento de que **acervos audiovisuais são “territórios de disputa”** sobre “o que lembramos, como lembramos e com quem partilhamos essas memórias”. O texto destaca o cinema como um ato coletivo e político de cuidado com a memória e invenção de mundos. Em um contexto latino-americano de restrição de direitos e precarização, a Rede Kino reitera, na carta, a importância de **retomar os acervos como “espaços de luta e invenção, onde a liberdade se constrói tanto no acesso à imagem quanto na possibilidade de criar outras narrativas”**.

O documento defende a elaboração de políticas públicas para o audiovisual e a educação que dialoguem com epistemologias contra-hegemônicas, valorizando o bem-viver em oposição a uma visão puramente mercadológica. A carta da Rede Kino articula demandas, como a **imediata assinatura do decreto de regulamentação da Lei 13.006/2014**, que obriga a exibição de filmes nacionais em escolas de educação básica, e solicita ao Conselho Superior de Cinema o debate em torno da **regulamentação do Artigo 27 da Medida Provisória nº 2.228-1, de 2001**, para que obras audiovisuais com recursos públicos federais possam ser licenciadas para exibição em estabelecimentos de ensino.

Num balanço geral, apesar dos avanços e conquistas desde 2006 quando surgiu a CineOP, como a criação da ABPA em 2008 e do Censo Cinematográfico Brasileiro, desafios como a instabilidade crônica do setor e a dificuldade de financiamento persistem. **Débora Butruce**, vice-presidente da ABPA, sublinha que a Mostra proporciona anualmente um espaço de reconhecimento mútuo para profissionais que enfrentam desafios comuns em um trabalho muitas vezes invisibilizado. “Não sei como estaria o setor se não fossem esses 20 anos de CineOP, não conseguimos imaginar isso”, disse Butruce.

Em duas décadas, a CineOP se consolidou como um foro de ideias e ações que integram a educação cinematográfica e a preservação cultural, compreendendo suas dinâmicas com a história do cinema brasileiro. Na filosofia de que preservar é educar, e educar é garantir que a história siga adiante, a CineOP mantém a missão de pensar o passado para se adiantar ao futuro.

**INFORMAÇÕES**

Toda a programação é gratuita e pode ser consultada no site oficial:  **www.cineop.com.br**

Acompanhe também pelas redes sociais:  
**Instagram: @universoproducao  
Facebook: @cineop  
YouTube: Universo Produção  
Twitter: @universoprod  
LinkedIn: universo-produção**

**SERVIÇO**

**SERVIÇO**

**20ª CINEOP - MOSTRA DE CINEMA DE OURO PRETO | 25 a 30 de junho de 2025 | PROGRAMAÇÃO GRATUITA**

**Centro de Artes e Convenções da Ufop | Praça Tiradentes | Cine- Museu da Inconfidência**

**LEI FEDERAL DE INCENTIVO À CULTURA**

**Patrocínio Máster: INSTITUTO CULTURAL VALE**

**Patrocínio: CAIXA, ITAÚ, CODEMGE/GOVERNO DE MINAS GERAIS**

**Parceria Cultural: SISTEMA FECOMÉRCIO MG / SESC EM MINAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO, PREFEITURA DE OURO PRETO E INSTITUTO UNIVERSO CULTURAL**

**Idealização e realização: UNIVERSO PRODUÇÃO**

**MINISTÉRIO DA CULTURA/GOVERNO FEDERAL/ UNIÃO E RECONSTRUÇÃO**

**ASSESSORIA DE IMPRENSA**

Universo Produção| (31) 3282.2366/ 9 9534-6310 - Laura Tupynambá | imprensa@universoproducaocom.br

[Fotos: https://www.flickr.com/photos/universoproducao/](https://www.linkedin.com/company/universo-produ%C3%A7%C3%A3o/)

Luz Comunicação

Jozane Faleiro - (31) 992046367 - jozane@luzcomunicacao.com.br

Wandra Araújo - (31) 999645007 - imprensa@luzcomunicacao.com.br

Eliz Ferreira - (11) 991102442 - eliz@atticomunicacao.com.br

Valéria Blanco - (11) 991050441 - atticomunicacao1@gmail.com

Produção de textos: Marcelo Miranda e Luz Comunicação